



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - UFRB

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP

LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/ LIBRAS/ LÍNGUA INGLESA

MARLY SILVA ALMEIDA

A LITERATURA MOÇAMBICANA EM *SANGUE NEGRO*, DE NOÉMIA DE SOUSA: UM ESTUDO SOBRE UTOPIAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Amargosa-BA
Novembro, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/ LIBRAS/ LÍNGUA INGLESA

MARLY SILVA ALMEIDA

A LITERATURA MOÇAMBICANA EM *SANGUE NEGRO*, DE NOÉMIA DE SOUSA: UM ESTUDO SOBRE UTOPIAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua estrangeira, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras/Libras Licenciatura Em Letras: Língua Portuguesa/ Libras/ Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Rita Santiago.

Amargosa-BA
Novembro, 2019



Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o MARLY SILVA ALMEIDA.

Ao décimo nono dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às treze horas e trinta minutos, na sala dois dos modulares (NEPEL) do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se o/a Professor/a ANA RITA SANTIAGO, na qualidade de orientador/a e Presidente da Banca de TCC, o/a Professor/a SILVANA CARVALHO e o/a Professor/a MÔNICA GOMES DA SILVA, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *A Literatura Moçambicana em Sangue Negro, de Noémia de Sousa: Um Estudo sobre utopias, lutas E resistências*, de autoria da/o discente MARLY SILVA ALMEIDA, do Curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira. Após apresentação pela/o autora/o e considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 9,0 (noze pontos)

Professor (a): ANA RITA SANTIAGO

Assinatura Ana Rita Santiago

Nota: _____ (_____)

Professor (a): SILVANA CARVALHO

Assinatura _____

Nota: 9,0 (noze pontos)

Professor (a): MÔNICA GOMES DA SILVA

Assinatura mônica Gomes da Silva

A/o discente MARLY SILVA ALMEIDA foi APROVADA/O com a média 9,0
(noze pontos).

Amargosa/ BA, 19 de dezembro de 2019

Ana Rita Santiago
ANA RITA SANTIAGO
Presidente da Banca de TCC

A Deus
À minha mãe, Mariene
Ao meu esposo, Samuel

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para chegar até aqui.

À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram os meios para que eu galgasse mais esta formação em minha caminhada.

À minha orientadora, Dra. Ana Rita Santiago, a quem passei a admirar intensamente, pelo acolhimento tão afável, suporte, incentivos e pelas suas correções.

Às estimadas professoras Dra. Terciana Vidal, a quem admiro há muitos anos e tenho por referência profissional, e a Me. Silvana Carvalho, pessoa maravilhosa na arte de ensinar a literatura com um vislumbre e um encanto contagiante.

Aos meus pais, Mariene Silva e Manoel Lisboa pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu amável esposo Samuel Almeida, pelo amor e companheirismo imensuráveis.

Aos meus colegas mais próximos, de turma ou de curso, (Deusa, Erlandson, Gilmara, Laís, Laísa, Manu) pela parceria ao longo do curso, nas madrugadas e nos momentos bons ou desesperadores (risos).

E a todos que fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

O que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.

(William Faulkner)

RESUMO

Este trabalho monográfico intitulado “A Literatura Moçabicana em *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa: Um estudo sobre utopias, lutas e resistências” se atém a uma análise da obra poética, *Sangue Negro*, da escritora moçambicana Noémia de Sousa, especificamente, no que diz respeito à literatura moçambicana em meio ao colonialismo. Desta forma, este trabalho respondeu à seguinte questão: Como em *Sangue Negro* (2001) aparecem marcas de lutas e utopias do período colonial em Moçambique? Assim, buscamos compreender, a partir da leitura e análise da obra literária *Sangue Negro*, quais foram os processos de lutas e utopias que essa literatura enfrentou em Moçambique. A fundamentação teórica deste trabalho se baseia em estudos que serviram para a construção de conhecimento sobre o tema: Carmen Lúcia Tindó Secco (2011); Maria Nazareth Fonseca e Terezinha Moreira (2007); Zygmunt Bauman (2004); Stuart Hall (2006). A pesquisa bibliográfica dirigiu este estudo. Como resultado da pesquisa espera-se que os leitores consigam compreender melhor a importância da literatura moçambicana no meio acadêmico, bem como difundir este tema em espaços formais ou não de educação.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura moçambicana; Colonialismo; Sangue Negro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
SEÇÃO I - NOÉMIA DE SOUSA: MÃE DOS POETAS MOÇAMBICANOS	11
SEÇÃO II - <i>SANGUE NEGRO</i>, UM CANTO À UTOPIA E RESISTÊNCIA	17
2.1 <i>Sangue Negro</i> : Um legado da literatura moçambicana	17
2.2 Poéticas da utopia em <i>Sangue Negro</i>	25
2.3 Era Pré-independência: Marcas de lutas e resistências em poemas de Noémia de Sousa.....	31
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Esta monografia resulta da pesquisa “A literatura moçambicana, em *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa”, que teve como objetivo principal examinar essa obra, alinhada a estudos teóricos, observando o momento sócio-histórico de colonialismo em Moçambique, a fim de compreender como a poesia moçambicana se estabeleceu nesse contexto. Arelado a isso, objetivou-se também com este trabalho monográfico entender os sentimentos de utopias e resistência existentes na obra *Sangue Negro*.

A literatura é um patrimônio imaterial de extrema importância para a humanidade. Considerando tal relevância, a partir de aulas do Componente Curricular Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, do Curso Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa/ Libras/Língua Inglesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, ministrado pela docente Dra. Ana Rita Santiago, surgiu a motivação de ampliar os conhecimentos acerca da literatura moçambicana do período colonial.

A presente pesquisa se desenvolveu observando o contexto histórico e social existente na época da colonização portuguesa em Moçambique, compreendida entre o final do século XV e início do XVI. Está evidenciado neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) o pensamento e o imaginário da escritora africana Noémia de Sousa, em *Sangue Negro* (utilizada neste trabalho a edição de 2011), especificamente, no que diz respeito ao processo sócio-histórico de construção da literatura moçambicana, em meio ao colonialismo. Desta forma, o problema deste trabalho respondeu à seguinte questão: Como em *Sangue Negro* aparecem marcas de resistência, luta e utopias do período colonial em Moçambique?

Para embasar este trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, tendo como aporte teórico alguns autores na área como Anselmo Peres Alós (2011); Adriano Carlos Moura (2018); Márcio Aparecido da Silva de Deus (2016); Carla Maria Ferreira Sousa (2008) e estudos de Carmen Lúcia Tindó Secco (2018); Stuart Hall (2006).

Moçambique, assim como vários outros países africanos, enfrentou o processo de colonização e nele viu a sua cultura, identidade, anseios, sonhos e vozes suprimidos pelo domínio colonizador. Desse modo, é um tema de extrema importância social e que deve ser estudado para mostrar traços do processo histórico-social vivido ao longo dos anos de colonização em Moçambique, tanto do ponto de vista social quanto literário, haja vista que, no decorrer do processo investigativo, compreendemos como se configurou a literatura moçambicana a partir das marcas do período colonial.

O que compreendemos por colonização está atrelado ao processo em que determinado país impõe a outro a sua cultura, língua, crenças, dentre outros, implantando um sistema de escravidão, no qual os originários da terra colonizada trabalharam sem direito de recompensa, não sendo autônomos na comercialização de bens que construíram. Esse cenário, parecido com aquele vivido no Brasil, aconteceu também em Moçambique, que foi colonizado por Portugal, a partir do século XVI, alcançando independência em junho de 1975. A literatura produzida, ao longo desse período, teve o papel de contar essa história. Neste TCC, evidencia-se a voz poética de Noémia de Sousa, pois traz, de forma bastante eficaz e pertinente, uma poesia que retrata estruturas sociais estabelecidas no período colonial, em Moçambique. Sua escrita denuncia o processo doloroso de colonização e a luta árdua pela conquista da liberdade em sentidos múltiplos.

Organizada em poemas, a obra *Sangue Negro*, relata de maneira lírica as histórias de vida, as denúncias e modos de resistência do povo moçambicano. Assim, faz referência não apenas à identidade, mas também à afirmação de uma nação, que lutou contra o jugo da servidão. Esse livro apresenta, em vários momentos, a dor pela colonização e o grito pela afirmação. Um dos poemas, cujo nome intitula a obra, faz uma referência à África como uma virgem violentada: “Ó minha África misteriosa e natural, minha virgem violentada, minha mãe!...” (NOÉMIA, 2001, p. 112). Nesses versos, e ao longo de todo o poema *Sangue Negro*, a voz poética evidencia a condição de opressão e o labor que o povo moçambicano enfrentou. É como um grito de lamento e retorno através dessa narrativa poética de uma nação. Vê-se nesse poema o sentimento de identificação nacional muito forte, analisado pelo autor Stuart Hall em seus estudos sobre identidade e nacionalismo. Hall (2006, p. 59) afirma que “[...] Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural”. Embora em épocas distintas, estes autores dialogam nessa idéia: Hall com a teoria e Sousa com a lírica. Para Hall, a identidade ultrapassa convenções sociais voltadas à unidade, é uma questão de poder e é esse poder que Sousa sempre vislumbrou para seu povo o “poder cultural” que possibilitaria àquelas pessoas se posicionarem socialmente e conquistarem seus ideais, que há muito estavam oprimidos pelo jugo do colonizador.

Ao chamar sua terra de mãe, Noémia de Sousa dialoga com esse sentimento de pertencimento e identificação que contribuem para essa idéia de nação. Essa é uma representação de sentidos para seus povos. Nessa perspectiva, o povo moçambicano

encontrou forças para enfrentar as ideologias da nação colonizadora e deflagrar sua narrativa poética, apoiando-se em sua afirmação cultural.

Nos poemas da obra, é possível verificar o desejo contínuo de liberdade e a denúncia contra a opressão. Esses fatores nos poemas de *Sangue Negro* evidenciam o desencanto vivido pelos moçambicanos em meio ao período colonial. Desse modo, na perspectiva deste estudo, a obra, aqui abordada, fundamenta e embasa este trabalho na tentativa de refletirmos acerca da literatura em meio ao colonialismo, em Moçambique. Este texto monográfico está assim organizado: apresentamos, na primeira seção, a autora Noémia de Sousa e sua tão importante escrita literária. Há então, uma descrição biográfica da autora. Noémia de Sousa é uma importante referência literária em Moçambique. É ela que, de maneira tão impetuosa, produziu poemas pautados na denúncia de configurações sociais excludentes e repressivas. A escolha da escritora Noémia de Sousa, para o desenvolvimento deste trabalho monográfico, é justificada por ela escrever como forma de reivindicação de direitos de várias questões socialmente importantes, mas, sobretudo, a denúncia acerca da situação de colonização, contribuindo assim com a construção da literatura, não só em Moçambique, como em todo o continente africano. Sua escrita de denúncia e combate revolucionou a palavra literária em Moçambique, inspirando a muitos.

A segunda seção deste trabalho é intitulada *Sangue Negro: Um canto à utopia e à resistência*. Ela está subdividida em três tópicos: *Sangue Negro: um legado da literatura moçambicana*, *Poéticas da utopia em Sangue Negro* e, por fim, *Era pré-independência: marcas de lutas e resistência em poemas de Noémia de Sousa*. Iniciamos esta seção realizando uma análise estrutural da obra, levando em consideração questões gerais que envolvem a mesma como a sua estrutura, organizadores, história, dentre outros, detalhes importantes que a compõem. Seguimos a discussão deste trabalho analisando a obra *Sangue Negro* do ponto de vista literário evidenciando que essa é uma obra poética, mas também uma espécie de documento que retrata a luta pelo direito de evidenciar uma identidade.

I SEÇÃO

1. NOÉMIA DE SOUSA: MÃE DOS POETAS MOÇAMBICANOS

José Craveirinha, Luís Bernardo Honwana, Rui Kanopfli, Virgílio de Lemos, Rui Nogar e, a grande mãe dos poetas moçambicanos, Noémia de Sousa. Conforme a caminhada de estudos até aqui, é possível afirmar que esses nomes fizeram toda a diferença para que a literatura africana fosse difundida e, finalmente, alcançasse o conhecimento e a compreensão de muitos.

Referir-se à literatura africana é, inevitavelmente, lembrar Noémia de Sousa e seu legado no cenário literário moçambicano. Sousa está entre os principais escritores moçambicanos, conforme os inicialmente citados. Todos estão atrelados a um movimento de construção do panorama literário de Moçambique.

A partir da obra *Sangue Negro*, carinhosamente, prefaciada por Nelson Saúte, verifica-se que Carolina Noémia Abranches de Sousa nasceu em Catembe, na capital Maputo, em Moçambique, em 20 de setembro de 1926. Foi poeta, mas também jornalista e faleceu em Lisboa, em 4 de setembro de 2002 (SOUSA 2011).

Sousa, sujeito de estudo deste trabalho, versou muitos poemas centrados na negritude através de uma poesia de combate. “Noémia de Sousa é uma das vozes fundadoras da poesia moçambicana e um dos nomes referenciais da poesia africana” (SOUSA 2011). Seu estilo poético delata o período de escravidão, a vida difícil e nada favorecida da negritude e, o não reconhecimento.

Noémia de Sousa foi uma poeta que se desviou dos vínculos europeus e, assim, escreveu seus poemas que, por muito tempo, estiveram espalhados nos registros de imprensa em Moçambique.

Com apenas 22 anos de idade, surge na senda literária moçambicana num impulso encantatório, gritando o seu verbo impetuoso, objetivo e generoso, vincado (bem fundo) na alma do seu povo, da sua cultura, da sua consciência social, revelando um talento invulgar e uma coragem impressionante. Mestiça, revela ser marcada por uma profunda experiência, em grande parte por via dessa mesma circunstância. (INFOPÉDIA, 2003.)

Nesse sentido, observa-se a sensibilidade de Noémia de Sousa ao seu povo sofrido. Desde cedo, a autora se mostrou consternada e engajada na luta pela valorização e liberdade de sua gente. Suas poesias retratam a alma de seu povo, os labores, sonhos, dores, anseios,

dentre outros sentimentos e sensações tão fortes vividas por esse povo e narradas por esta tão sábia mulher.

Noémia delimita um marco histórico na história não só do povo de Moçambique, de um modo geral, mas também na história das mulheres africanas negras, abrindo frestas para que os espaços sociais, futuramente, fossem ocupados por mulheres que não apenas laboram, mas também pensam, escrevem, falam, ocupam lugares importantes e, sobretudo, vão à luta.

A poesia de combate de Noémia se estabelece, desde o início, fincada num viés libertário. Em seus mais diversos versos, a autora sempre deixou claro o sentimento de esperança de uma história melhor para seu povo. A liberdade sempre foi o ponto mais alto da lírica em seus versos e isso se justifica pela forte valorização de valores africanos e pelo sentimento forte de pertencimento à África, terra que, em tantos versos, Noémia chama de mãe. O protesto e a denúncia compõem boa parte das poesias de Sousa, por essa razão, elas têm um papel tão marcante e de forte impacto social.

Todas as análises e discussões acerca da poética de Noémia de Sousa apontam para uma espécie de divisor de águas na história do panorama literário de Moçambique. Noémia foi uma pioneira na denúncia da situação social de seu povo, foi uma protagonista na conquista do lugar da mulher na literatura em África. Por essas e tantas outras razões, é considerada mãe dos poetas moçambicanos, pela sua luta compenetrada pela revolução, compreendendo que esse seria um caminho importante para a mudança tão sonhada, como enfatiza Adriano Carlos Moura,

Noémia de Sousa é uma das poucas mulheres a se sobressair nesse cenário, dominado por escritores homens e é considerada, juntamente com o poeta Fonseca do Amaral, uma das precursoras da poesia moçambicana moderna. (MOURA, 2018, p.299)

O que inspirava Noémia? Essa é uma pergunta que seus (suas) leitores (as) logo conseguem responder ao conhecer seus poemas ou ao se estudar o contexto social em Moçambique no período do colonialismo. Noémia se sentia tocada pela condição cotidiana de seu povo. Observa-se no teor das poesias de Noémia que:

As propostas essenciais da sua expressão literária vão do desencanto cotidiano, de uma certa amargura, de uma certa raiva, até ao grito dolorido, até ao orgulho racial,

até ao protesto ativo, que contém a pulsão danada contra cinco séculos de humilhação. (INFOPÉDIA, 2003.)

Há, sem dúvida, um misto de emoções e sentimentos na escrita de Noémia, mas há, sobretudo, duas grandes abordagens em sua escrita: a denúncia da exploração em meio aos maus tratos do colonizador e a exaltação à terra e à força de seu povo. Noémia era uma mulher negra, financeiramente pobre, todos esses fatores poderiam lhe dar margem a narrar de si e de sua luta particular, nesse contexto, contudo, sua escrita sempre teve como inspiração o contexto geral de queixas coletivas e dores sentidas e sofridas por seu povo.

Noémia de Sousa, em seus poemas, sempre se reportava à sua terra, à África, com orgulho e pertencimento. Sua poesia engajada almeja o canto vitorioso de seu povo, pois seu discurso sempre parecia emitir não só a voz de Noémia, mas também a voz de seu povo. O eu lírico de Noémia de Sousa versa pela coletividade.

Sempre, e desde muito cedo, pretendeu que seu povo avançasse uno, em coletivo, em direção a um futuro que alterasse os eixos em que se fundamentava a atitude do homem, mas sem nunca fazer a apologia da desumanização. Afirmava-se, acima de tudo, africana e apostava fortemente na divulgação dos valores culturais moçambicanos. (INFOPÉDIA, 2003.)

Desse modo, é possível afirmar que o desejo de coletividade e de valorização de repertórios culturais permeavam a escrita de Noémia de Sousa, entretanto isso jamais significou homogeneizar o povo. Noémia compreendia que a luta era única para garantir que as múltiplas personalidades, e porque não afirmar personagens e vozes, fossem asseguradas na construção do lugar de direitos em detrimento do colonizador, que explorava, segregava, desumanizava e não valorizava a cultura local dos moçambicanos.

Nos estudos de Moura, observa-se uma indicação de como, em meio a um contexto opressor, a escritora Noémia começou a difundir sua poética. Segundo Moura,

Noémia teve seus poemas publicados em revistas como O brado africano e em periódicos esparsos e cópias produzidas de forma bastante artesanal, já que ainda não se podia pensar em mercado editorial em Moçambique de então, dadas as circunstâncias econômicas e de interesses da metrópole. Afinal a construção de uma literatura portadora dos anseios de liberdade e de construção de uma identidade

própria não interessaria a Portugal, no período sob a rigidez censora da ditadura salazarista[...] (MOURA, 2018, p. 300)

O autor Ferreira Sousa discorre sobre os primeiros poemas de Noémia de Sousa, informando que a mesma escreveu pela primeira vez para um jornal de 1948. Esse jornal se chamava *Mocidade Portuguesa*. O poema escolhido haveria sido “Canção Fraterna”. Ferreira ainda afirma que o poema foi assinado apenas com as iniciais de seu nome “N.S”. Dado o contexto social em Moçambique no período colonial, Ferreira assegura:

Seu poema provocou grande alvoroço na época, período de forte repressão política, pelo conteúdo de seus versos voltados para a denúncia da escravidão e pela declarada adesão à potencialidade de emancipação humana configurada pelo (a) suposto (a) escritor (a). (FERREIRA SOUSA, 2008, p.03)

Segundo Ferreira Sousa (2008, p. 04), em 1949, Noémia faz outra participação, agora em um jornal de maior circulação na região moçambicana, o Jornal *O Brado Africano*. Noémia divulga “Poesia, não venhas!”, mais um poema de ênfase no sofrimento causado ao povo moçambicano por conta do colonialismo. Nele Noémia evidencia, mais uma vez, o caráter coletivo de sua poesia e volta a assinar somente com as iniciais de seu nome, *N.S.*

Noémia de Sousa escrevia com a alma e alimentava, em seus versos, fortes ideais de liberdade, simbolicamente camuflados em seus escritos engajados. Para Anselmo Peres Alós:

Os versos de Noémia, hoje, talvez pareçam um tanto inocentes. Não se pode esquecer que em 1948, entretanto, Moçambique estava ainda sob o jugo colonial lusitano, e que os aparentemente “inocentes” versos da jovem Noémia haveriam de ser lidos como exageradamente subversivos pelas milícias ideológicas do colonialismo. (ALÓS, 2011, p. 63)

Nesse contexto, para Noémia, que precisava expor a dor e o valor de seu povo, era necessário driblar as interpretações da burguesia. Expressar opiniões de tal teor era algo inaceitável. Então, até nesse detalhe, observa-se a postura revolucionária de Sousa. Escrever, dessa forma, seria uma espécie de garantia de se manter no engajamento e no enfrentamento da conjuntura do colonialismo presente em Moçambique nessa época.

Na história de Sousa, vê-se que ela sempre demonstrou extremo afeto por sua terra e sua gente. Toda sua inspiração estava regida pelo sentimento de legado social e político em

meio ao colonialismo português. Sousa participou da história de luta pela independência moçambicana e libertação do jugo colonial português e se engajou em movimentos sociais em busca da tão sonhada liberdade. Segundo Márcio Aparecido da Silva de Deus, Noémia de Sousa

[...] participou do movimento chamado Negritude. Em 1951, ela foi presa e obrigada a se exilar em Portugal, onde não viria mais a escrever. Noémia alegava que perdera sua inspiração por estar distante de sua terra (DEUS, 2016, p. 216).

O movimento Negritude foi uma espécie de organização que tinha como prioridade reunir ideias a favor do fortalecimento da personalidade negra, ao mesmo tempo em que buscava a denúncia ao modelo colonial que até então dominava a cultura, em seus diversos âmbitos, em África. Esse movimento ganhou força e espalhou-se mundialmente, tornando-se um marco revolucionário na literatura, pois imprimia, naquela conjuntura social, o grito e a denúncia de um povo que, há séculos, estava anulado do fazer e dizer social.

É importante afirmar que, apesar de muito intensa e também muito importante, a obra de Noémia de Sousa ainda não tem o devido destaque e repercussão merecidos para o estudo de tão importante temática dentro da literatura. Nesta perspectiva, Moura afirma:

Noémia ainda é uma poeta pouco lida e estudada, talvez devido ao tempo que levou para que seus poemas fossem publicados e traduzidos em livro. Os textos foram escritos entre os anos de 1948 e 1951, mas só foram publicados em 2001. A autora faleceu em 2002 (MOURA, 2018, p. 301)

Por amor ao seu povo, Noémia chegou a afirmar que não tinha vontade de ver seu livro publicado enquanto seu povo não pudesse comprá-lo. Assim sendo, o legado que essa mulher deixa aos (às) leitores (as) de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa é algo imponente e mobilizador, pois há uma luta e uma conquista que suscitam inúmeras reflexões sociais, culturais e políticas. O que Noémia de Sousa começou, através de sua poesia engajada, estender-se-á por gerações mobilizando pensamentos e posturas pelas sociedades.

Em suma, é muito válido ressaltar, em consonância com Alós, que

[...] A concepção de fazer poético, para Noémia de Sousa, está intrinsecamente ligada com o comprometimento com a luta pela liberdade, pela independência e pela autonomia das nações africanas. (ALÓS, 2011, p. 67)

Assim sendo, apresentar Noémia de Sousa será sempre evidenciar seu legado de defesa da liberdade de seu povo. Será também vê-la como uma desbravadora, haja vista que ultrapassando barreiras, Noémia de Sousa, a mãe dos poetas moçambicanos, construiu e estendeu a nós seu legado.

II SEÇÃO

SANGUE NEGRO: UM CANTO À UTOPIA E À RESISTÊNCIA

O objetivo desta Seção é analisar a obra *Sangue Negro* do ponto de vista estrutural, fazendo uma descrição da forma como o livro está organizado e dos diversos fatores que corroboraram para sua estruturação, a fim de que os leitores possam conhecer um pouco mais sobre esta obra. Pretendemos, também, refletir sobre as abordagens líricas a fim de ampliar a compreensão acerca da escrita de Noémia de Sousa em seu primeiro e único livro, *Sangue Negro*.

2.1 *Sangue Negro*: Um legado da literatura em Moçambique

O livro *Sangue Negro*, de autoria de Carolina Noémia Abranches de Sousa (1926-2002), autora africana, de Moçambique, teve sua primeira edição lançada em 2001. Nesta pesquisa trabalhamos com uma edição datada de setembro de 2011. Noémia tinha um longo acervo de escritos poéticos, entretanto nunca os tinha reunido em um livro, portanto, é um livro publicado após a morte da mesma.

Sangue Negro é uma obra forte, de imponente escrita e grande relevância na literatura moçambicana pelo seu legado comunicativo de denúncia, combate, resistência e utopia numa perspectiva de enfrentamento ao modelo colonial até então instaurado no país. De maneira pulsante, porém de forma criteriosa, Noémia de Sousa tratou sobre temas extremamente delicados para o momento histórico no qual escrevia, tais como a exaustão do trabalho escravo, os açoites e maus tratos sofridos pelos moçambicanos, a perda culposa de familiares sem explicação, a usurpação da cultura, o abuso de poder dos colonos, dentre outras situações escravocratas desumanas de todos os pontos de vista.

Observemos os versos do poema “Se me quiseres conhecer” escrito em 25 de dezembro de 1949 no qual Noémia descreve-se numa ótica patriótica:

Se me quiseres conhecer

Se me quiseres conhecer,
estuda com olhos de bem ver
esse pedaço de pau preto

que um desconhecido irmão maconde¹
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou

em terras distantes lá do Norte.

Ah! Essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida
boca rasgada em ferida de angústia,
mãos enormes, espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
pelos duros chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica
altiva e mística,
África da cabeça aos pés,
– ah, essa sou eu:

Se quiseres compreender-me
vem debruçar-te sobre a minha alma de África,
nos gemidos dos negros no cais
nos batuques frenéticos do muchopes²
na rebeldia dos machanganas
na estranha melodia se evolvendo
duma canção nativa noite dentro...

E nada mais me perguntes,
se é que me queres conhecer...
Que não sou mais que um búzio de carne
onde a revolta de África congelou
seu grito inchado de esperança. (SOUSA, 2011, p. 33)

A análise deste poema permite-nos perceber mais aspectos dolorosos da escravidão. A exemplo disso, temos o uso da expressão “pedaço de pau preto” utilizada por Noémia no terceiro verso para fazer referência ao povo subjugado de África que vê sua história sendo “talhada” por outros. Então, eles não são os sujeitos da fala ou se quer são os protagonistas de sua própria história. Em continuidade, na segunda estrofe do poema a poeta descreve um

¹ “[...] um dos povos da província de Cabo Delgado (Moçambique) [...]”

² “Trabalhador municipal da cidade de Maputo”.

sentimento de desespero e angústia gerados a partir dos sofrimentos e experiências frustradas vivenciados nesse contexto escravagista, citando no sexto verso a expressão “feridas visíveis e invisíveis”. E é essa a visão que se tem ao estudar sobre a história de países colonizados por estrangeiros: conhecer feridas e dores que ultrapassam a esfera física: para além dos corpos flagelados, as marcas psicológicas, emocionais, sociais e culturais que, por conseguinte, estão retratadas na grande maioria dos poemas da obra de Noémia.

A noite é mais um recurso empregado nesse poema para retratar a rotina dos moçambicanos. Ela designa um recanto de utopia, um momento de ser moçambicano sem a supervisão do colonizador. É apenas na noite que eles podem parar olhar seus corpos cansados, cantar à mãe África, chorar, compor. Isso enquanto os colonos descansam seus corpos viciados na prática das ordens e dos maus tratos. O último verso da terceira estrofe cita “canção nativa noite dentro” o que nos leva a compreender que era na noite o momento de paz desse sofrido povo.

Então, este poema já apresenta Noémia nessa postura de registro das lutas, utopias e resistência de seu povo, a partir da perspectiva das experiências vividas na colonização em sua terra. Para além de todas as marcas de escravidão, está presente também nele a esperança, ainda que seja uma esperança, em muitos momentos, congelada pelas circunstâncias. E esta é realmente a alma da poesia de Noémia, composta do legado de poesia engajada e sempre à disposição da luta de seu amado povo.

Nesse sentido, a obra aqui em análise constitui-se em uma coletânea de 46 poemas escritos por Noémia de Sousa entre 1948 e 1950. Estes poemas aparecem organizados em seções: A primeira seção intitulada “Nossa Voz” traz os poemas “Nossa voz; Nossa irmã a lua; Súplica; Abri a porta, companheiros; Passe; e, Justificação” (SOUSA, 2011, p. 165).

A segunda seção, foi nomeada de “Biografia”, nela encontramos os poemas “Se me quiseres conhecer; Poema da infância distante; Shimani; Deixa passar o meu povo; Poema para um amor futuro; Poema; Se este poema fosse; e, Instantâneo” (SOUSA, 2011, p. 165).

A terceira seção recebe o título “Munhuana 1951” e contém os seguintes poemas: “Porquê; Canção fraterna; Negra; Irmãozinho negro tem um papagaio de papel; Lição; Patrão; Magaiça; Zampungana; Cais; Moças das docas; Apelo; Samba; O homem que morreu na terra do algodão; e, Dia a dia” (SOUSA, 2011, p. 165).

A quarta seção é intitulada de “O livro de João” e nela estão os poemas “Poema; Descobrimento; Carta; Grito; Um dia; e, Poema de João” (SOUSA, 2011, p. 166).

A quinta seção, com o mesmo nome que intitula a obra, *Sangue Negro* traz os poemas: “Poesia, não me venhas!; Solidão; Poema para Rui de Noronha; Godido; Poema; A Billie Holiday, cantora; Poema a Jorge Amado; Bayete; e, Sangue Negro”. E a sexta e última seção de poemas deste livro recebe o título “Dispersos” e elenca três poemas: “Quero conhecer-te África; 19 de outubro; e, A mulher que ri à vida e à morte” (SOUSA, 2011, p. 166).

Sangue negro

Espaçamento simples

Ó minha África misteriosa e natural,
minha virgem violentada,
minha Mãe!

Como eu andava há tanto desterrada,
de ti alheada
distante e egocêntrica
por estas ruas da cidade!
engravidadas de estrangeiros

Minha Mãe, perdoa!

Como se eu pudesse viver assim,
desta maneira, eternamente,
ignorando a carícia fraternamente
morna do teu luar
(meu princípio e meu fim)...
Como se não existisse para além
dos cinemas e dos cafés, a ansiedade
dos teus horizontes estranhos, por desvendar...
Como se teus matos cacimbados
não cantassem em surdina a sua liberdade,
as aves mais belas, cujos nomes são mistérios ainda fechados!

Como se teus filhos – régias estátuas sem par –,
altivos, em bronze talhados,
endurecido no lume infernal
do teu sol causticante, tropical,
como se teus filhos intemeratos, sobretudo lutando,

à terra amarrados,
como escravos, trabalhando,
amando, cantando –
meus irmãos não fossem!

Ó minha Mãe África, ngoma pagã,
escrava sensual,
mística, sortilêga – perdoa!

À tua filha tresvairada,
abre-te e perdoa!

Que a força da tua seiva vence tudo!
E nada mais foi preciso, que o feitiço ímpar
dos teus tantãs de guerra chamando,
dundundundun – tâtã – dundundun – tâtã
nada mais que a loucura elementar
dos teus batuques bárbaros, terrivelmente belos...

para que eu vibrasse
para que eu gritasse,
para que eu sentisse, funda, no sangue, a tua voz, Mãe!

E vencida, reconhecesse os nossos elos...
e regressasse à minha origem milenar.

Mãe, minha Mãe África
das canções escravas ao luar,
não posso, não posso repudiar
o sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste...
Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,
ele é mais forte que tudo,
eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe! (SOUSA, 2011, p. 112-113)

Este é mais um poema que se reporta ao gênero feminino para tratar de dores e sentimentos. O sujeito poético se refere à pátria, chamando-a como mãe. Nesse sentido, discorre todo o poema num misto de emoções que se sobrepõem entre si a fim de descrever a

labuta. Há, na segunda estrofe, uma referência aos colonos presentes no solo de África. O quinto verso é composto das palavras “engravadas de estrangeiros”, fazendo alusão às ruas de sua terra e esse detalhe deixa evidente que não eram poucos os homens a serviço da colonização ali presentes. Uma abordagem possível também seria pensar se essa expressão estaria se referindo a questões referentes à práticas sexuais sem comum acordo entre os personagens da colonização e as mulheres moçambicanas. Já a quinta estrofe, demonstra um despertar da poeta como se os encantos de outra terra tentassem cativá-la, mas ela se lembra de suas raízes, conforme cita no quinto verso dessa estrofe “meu princípio e meu fim”. Então a voz lírica se questiona e se fundamenta nas belezas de mãe África, fazendo uma valorização exacerbada da terra, o sentimento de pertencimento é intenso e resgata a ideia de inconformismo.

O sentimento de pertencimento é marca forte em muitos destes versos, na sétima estrofe a poeta recorre ao emprego da figura de linguagem antítese, colocando as palavras “[...] terrivelmente belos” que possuem sentidos opostos num mesmo contexto a fim de causar um efeito de ambiguidade a respeito das vivências em África e a sua representação cultural e identitária no paradoxo de cada dia e experiências vividas.

Noémia faz uma analogia à sua ancestralidade ao utilizar a expressão “minha origem milenar” na décima estrofe. A ancestralidade é algo muito importante em África, pois significa fonte de conhecimento e construção de identidade. E essa identidade está presente ao longo de todo o poema e também do livro.

Para além das seções com os poemas, o livro também apresenta um prefácio inicial, com o título “O legado do amanhã”, escrito por Nelson Saúte; três posfácios: O primeiro deles “A mãe dos poetas moçambicanos” também escrito por Saúte; O segundo “Noémia de Sousa: A metafísica do grito” escrito por Francisco Noa e o terceiro “Moçambique, lugar para a poesia: Anos cinquenta” escrito por Fátima Mendonça. Nestes posfácios, os escritores em questão discorrem sobre o apreço por Noémia de Sousa e também contam momentos importantes que viveram juntos nas lutas e ideais em prol da sociedade moçambicana (SOUSA, 2011, p.123). A nota preambular, contida na contracapa do livro, também foi carinhosa e saudosamente redigida por Saúte.

Nos posfácios do livro, encontramos informações relacionadas a Noémia, como a sua participação em movimentos da negritude, histórias de vida, ideais, filosofia lírica e, até mesmo, análises reflexivas de trechos de poemas de Noémia. Francisco Noa, em seu posfácio, escreve um pouco sobre o caráter da poesia da poeta, afirmando:

[...] a voz poética de Noémia de Sousa transcende, em largos momentos, os limites egoístas, espaciais e temporais, instituindo-se, de certo modo, como uma voz de aspiração plural e universalista [...] (NOA, 2000, apud SOUSA, 2001, p. 134).

Esse traço plural e universalista, conforme escreve Noa, é, sem dúvida, uma das características marcantes da poesia de Noémia, além do caráter revolucionário.

Fátima Mendonça escreve o último posfácio da obra. Nele há uma espécie de panorama sobre a desenvoltura desse modelo revolucionário da literatura na sociedade moçambicana frente àquele cenário social. Mendonça faz referências ao cunho revolucionário da poesia de Noémia, citando também outros autores engajados nesse período, como Augusto dos Santos Abranches, Rui Knopfli, Rui Noronha, dentre outros, nesse grupo de uma negritude engajada com vistas à revolução.

Ainda nesse posfácio, Mendonça ressalta a importância de Abranches, um referenciado poeta, ensaísta e jornalista, no conhecimento do nome de Noémia de Sousa. Ela conta que Noémia, em uma entrevista com o referido escritor, afirmou que “[...] se não tivesse surgido em Augusto dos Santos Abranches a chamar a atenção para o meu nome talvez permanecesse desconhecida até hoje” (MENDONÇA, 2000, apud SOUSA, 2001, p. 140 e 141). Esse episódio se justifica pelo fato de Noémia, em seus poemas dispersos, publicados no *Jornal O Brado Africano*, assinar somente com as iniciais de seu nome: *N.S.*, aguçando a curiosidade de muitos a respeito da identidade da autora de tão poderosa poesia.

Em um momento de tamanha repressão e anulação da negritude, escrever poemas de cunho tão revolucionário, indo contra as ideologias colonizadoras, era algo bem perigoso haja vista que a repressão era uma constante. Então, a mãe dos poetas moçambicanos, Noémia de Sousa, começou a divulgar seus escritos assinando dessa forma, apenas com suas iniciais.

A “orelha” do livro, escrita por João Mendes (2000), que foi uma pessoa engajada na defesa da voz dos oprimidos, a quem Noémia de Sousa também homenageou com sua poesia. Seu texto traz informações sobre o efeito das poesias de Noémia e a circulação das mesmas entre os grupos da juventude, antes mesmo de serem publicados. Mendes trata também sobre a atualidade que esses poemas possuem, alegando que, mesmo tendo sido escritas há tanto tempo, abordam temáticas ainda muito atuais. Por fim, celebra a persistência objetiva que gerou a publicação da edição de *Sangue Negro* em 2001, ressaltando que “Noémia de Sousa é uma das vozes fundadoras da poesia moçambicana e um dos nomes referenciais da poesia africana” (MENDES, 2000 apud SOUSA, 2001).

Nelson Saúte, Francisco Noa e Fátima Mendonça eram pessoas do convívio de Noémia de Sousa. Durante a vida da escritora, essas personalidades sempre estiveram em companhia dela e mantiveram uma constante perspectiva de reunir os escritos de Noémia em um livro. Não foram poucas as tentativas, mas ela sempre resistiu. Finalmente, em 2001, Noémia concordou com a edição de seu livro, organizado por esses três amigos, conforme nos conta Saúte em seu prefácio:

A despeito, em 2001, perante a minha persistência, ela anuiu, finalmente, impondo apenas uma condição: que eu ficasse responsável pela edição e que contasse com a colaboração indispensável da Fátima Mendonça (que também tentara convencê-la e que a visitou até o fim) e do Francisco Noa (outro amigo persistente), e que a edição fosse feita integralmente realizada em Moçambique, pela Associação dos Escritores Moçambicanos [...] (SAÚTE, 2000 apud SOUSA, 2001, p. 10-11)

Por fim, o livro ainda apresenta, em sua composição, notas bibliográficas sobre os organizadores e um rico portfólio contendo treze fotos da autora em companhia de pessoas que fizeram parte de sua família, vida e história.

Desde muito cedo Noémia começou a escrever seus versos, somando tamanha coletânea a ponto de poder originar um livro. Segundo estudos de Moura, 2018:

Grande parte da obra poética de Noémia está compilada em *Sangue Negro* e foi publicada em livro apenas em 2001 pela Associação dos Escritores Moçambicanos. No Brasil, o livro só veio a ser lançado em 2016 pela editora Kapulana (MOURA, 2018, p. 300).

Os poemas de Noémia de Sousa não dependeram de publicação oficial para circular e surtir efeito na sociedade, até então colonialista. Onde Noémia não pôde ir, sua voz chegou ou tem chegado através de suas poesias engajadas no desejo de ter seu povo livre, na defesa da voz desfavorecida dos mesmos. Além disso, as contribuições das poesias de Noémia propiciaram reflexões para a construção de uma sociedade mais humanizada, embora fosse um desejo ainda muito utópico, diante do histórico de servidão nos países colonizados como Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, dentre outros.

Em suma, o livro *Sangue Negro* é uma ratificação perfeita do comprometimento político e social da proposta poética de Noémia de Sousa. As poesias, contidas nessa obra, anunciaram a ruptura de conjunturas excludentes e de dominação burguesa. Dessa forma,

narrar a história dessa obra (e dessa autora) será sempre pensar social e coletivamente, remeter ao passado e tomar consciência dos desafios sociais e culturais que foram enfrentados pelos desprivilegiados na perspectiva de uma construção social, cuja visão democrática liderasse as estruturas organizacionais.

2.2 Poéticas da Utopia em *Sangue Negro*

A obra *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa, é um dispositivo artístico repleto de utopias revolucionárias na história da literatura moçambicana. Com base em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2001, p. 699), podemos afirmar que a palavra *utopia* é um substantivo feminino que significa: *Projeto irrealizável; quimera*. Assim temos maior compreensão do uso deste termo para caracterizar grande parte dos poemas de Noémia de Sousa no período colonial. De fato, frente à conjuntura social, na qual a autora estava inserida, seria realmente irrealizável pensar como uma mulher negra, de classe social desfavorecida iniciaria um movimento literário de enfrentamento a um sistema organizado pelo colonialismo, se erguendo em favor da negritude oprimida nesse modelo social. Diante da obra de Noémia e seu resultado social impactante, é possível ressignificar, então, o sentido hegemônico de *utopia*, e atribuir, nesse contexto, o significado de ser um projeto realizável e possível. Foi isso que Noémia fez e deixou como herança atemporal.

Segundo André Prevóst (2015, p. 439) “[...] a utopia é um exercício da inteligência tanto quanto um jogo da imaginação”. Nessa afirmativa de Prevóst, é possível fortalecer as considerações acerca da tão prudente escrita de Noémia de Sousa, evidenciadas até aqui. Ao utilizar-se desse recurso literário de escrita utópica, a partir dessa nuance de imaginação e inteligência, a autora reforçava seus ideais revolucionários, ao mesmo tempo em que fazia um marco na história não só literária, como também social e cultural, dos moçambicanos. Imaginação para criar e recriar essa comunidade idealizada, pensada para seu povo e inteligência, tanto emocional quanto intelectual, para driblar o enalço do colonizador no uso dessa palavra poética tão repleta de sonhos.

Para Fonseca:

[...] O imaginário de pátria acolhe as feições da grande mãe, louvada em versos que exercem grande influência no final dos anos 1940, na exacerbação da consciência de pertencimento a espaços africanos ainda dominados pela violência colonialista [...] (FONSECA, 2015, p. 102)

Noémia imaginava e vislumbrava a sociedade moçambicana futura, sua pátria ideal e isso era uma espécie de combustível para a realização de seus escritos. Ao utilizar a utopia na composição de seus poemas, a autora evidencia suas aspirações para o povo, ainda que fossem planejamentos muito distantes da realidade. Segundo os estudos realizados por Prevóst (2015, p. 440), acerca dessa temática, [...] A palavra utopia é o modelo destes termos enigmáticos e esvaziados de qualquer realidade [...]”. Assim sendo, há, na escrita de Noémia de Sousa, esse esvaziamento da realidade, de modo que, dentro de um sistema colonial opressor, ela escrevia utopias nas quais seu povo cantava livremente em *mãe África*. Como pode alguém estando dentro de um sistema opressor vislumbrar, tão forte e incansavelmente, uma realidade inexistente? Essa é uma das razões que torna tão forte, impactante e revolucionária a poesia de Noémia de Sousa em *Sangue Negro*.

Sem esquecer a aura poética da utopia, sem minimizar seu valor crítico, após sua viagem no mundo imaginário, o homem retorna com o espírito claro e purificado. Finalmente lhe são abertas as vias que lhe permitirão chegar à altura das virtudes morais e políticas: finalidade da existência, liberdade do coração, amor pelo trabalho, cultura do espírito, sentido do sagrado, que lhe trarão serenidade e paz (PREVÓST 2015, p. 446).

É possível afirmar que era essa serenidade e paz almejadas por Noémia através de seus poemas. A busca pelas virtudes morais e políticas das quais seu povo era privado de se beneficiar. O povo moçambicano era um povo oprimido pelo jugo colonizador e submetido à servidão, mas, através do legado da literatura engajada, dentre outros movimentos políticos e culturais, foi possível vislumbrar uma esperança revolucionária para aquela configuração social.

Noémia de Sousa, do seu lugar de fala, um mundo real, imaginava freneticamente, um mundo ideal. O poema “Se este poema fosse...” foi escrito em 29 de maio de 1949 e, já no título, se percebe a utopia empregada pela autora no mesmo:

Se este poema fosse...

Se este poema fosse mais do que simples

Sonho de criança...

Se nada lhe faltasse para ser total realidade

Em vez de apenas esperança...

Se este poema fosse a imagem crua da verdade,

Eu nada mais pediria à vida
E passaria a cantar a beleza garrida
Das aves e das flores
E esqueceria os homens e as suas dores...
– se este poema fosse mais do que mero
sonho de criança.

Ai meu sonho...
Ai minha terra moçambicana erguida –
Com uma nova consciência, digna e amadurecida...
A minha terra cortada em sua extensão
Por todas essas realizações que a civilização
Inventa para tornar a vida humana mais feliz...
Luz e progresso para cada povoação perdida
No sertão imenso, escolas para crianças,
Para cada doente, a assistência da ciência consoladora,
Para cada braço de homem, uma lida
Honrada e compensadora,
Para cada dúvida uma explicação,
E para os homens, Paz e Fraternidade!

Ah, se este poema fosse realidade
E não apenas esperança!
Ah, se o fosse o destino da nova humanidade
A cantar então a beleza das flores,
Das aves, do céu, de tudo que é futilidade –
Porque a dor humana então não existiria,
Nem, a infelicidade, nem a insatisfação,
Na nova vida plena de harmonia! (SOUSA, 2011, p. 47)

O poema é montado a partir da conjunção subordinativa “se” que indica uma condição para as orações principais. Analisando os versos, percebemos que a condição era a realidade enfrentada pelo povo e a utopia aí empregada, narra esse lugar ideal que não existe. Esse recurso é empregado em toda a extensão do poema e seus versos e estrofes desnudam uma comunidade imaginada por Noémia de Sousa:

A poeta emprega artefatos como “sonho, esperança, imagem...” na composição dos versos na primeira estrofe. Refere-se ao sofrimento dos homens de sua pátria e parece suspirar para a transposição desse poema em realidade. Noémia deixa evidenciado, nesses versos, que seus escritos poéticos clamam por uma realidade ainda inexistente. Observa-se também a

exaltação das belezas de sua terra quando a autora cita “a beleza garrida das aves e das flores” existentes ao redor da dor e sofrimento. Noémia faz uma narração poética sobre um lugar perfeito, mas consegue deixar claro que aquela sociedade, em que se situa sua poética, destoa dessa idealização utópica.

A autora se reporta ao sonho idealizado de uma sociedade humanitária na segunda estrofe e idealiza direitos básicos que seu povo não possui. É como se ela fizesse uma queixa atestando que a forma como o avanço foi trazido pelo colonizador não foi justo e, por isso, não foi bom para seu povo. Quando Noémia escreve os versos sobre como sonha com que “a lida de cada homem seja honrada e compensadora”, denuncia as marcas dolosas da colonização. Informa aos seus leitores, com a sempre cautelosa escrita, que seu povo não é reconhecido pelo trabalho que realiza. No último verso desse poema, a voz poética deixa transparecer a incerteza do amanhã. Ela deseja ardentemente que esse poema se torne uma realidade e declara o quanto gostaria de cantar e evidenciar as belezas de sua terra junto com seu povo.

A coletividade, uma das marcas da escrita de Noémia de Sousa, também aparece nesse, por várias vezes, quando ela faz referência à humanidade e à sua terra, haja vista que a poesia da autora é centrada na coletividade e voltada para seu povo. Também está ressaltado o sentimento de pertencimento à pátria que a autora sempre fez questão de ratificar. Noémia coloca sentimentos importantes como paz, harmonia, fraternidade descrevendo perfeitamente uma representação daquilo que almeja. Ao ler esse poema, parece que ouvimos os suspiros da autora ao gerá-lo.

Os poemas de *Sangue Negro* costumam apontar para componentes naturais como o mar, o sol, os animais, a noite, o dia, as matas. Esses elementos são sempre qualificados e colocados como comparativos com relação ao labor, aos sonhos, às dores e à utopia. Em “Um dia”, escrito em 24 de outubro de 1949, há uma espécie de “narrativa” do utópico dia do encontro com a sonhada liberdade:

Um dia
Quando este nosso sol ardente de África
nos cobrir a todos com a benção do mesmo calor,
quero ir contigo, amigo,
de mãos dadas, deslumbrados,
pelos trilhos abertos da nossa terra estranha,
adubada com sangue e suor de séculos...

Nas machambas³,
o ruído repercutido de tractor
soará como uma canção de triunfo.
Nas matas,
as tutas já não serão aves apenas
e no centro da vida,
nosso irmão negro, quebradas as grilhetas,
celebrará seu segundo nascimento
num batuque diferente de todos os outros...

Uma luz clara e doce se abrirá para todos
e nós iremos de mãos dadas, amigo,
pelos trilhos verdes de Moçambique.
Na noite,
não mais soluçarão, estertoradas,
canções marimbadas por irmãos
nafragados
(ô mamanô⁴! Ô tatanô!),
Não mais a acusação muda dos olhos precoces
de crianças de ventres empinados
não mais jaulas erguidas para os inconformistas
gritando gritos de sangue
através de tudo!

Não mais, noite...
E nós iremos de mãos dadas,
amigo,
pelos trilhos abertos de Moçambique,
mergulhados no clarão eterno do dia
infundável (SOUSA, 2011, p. 90).

Esse poema tem uma conotação com perspectivas futuras. Nele Noémia escreve sobre o deslumbre que poderia ser o dia da liberdade. É como uma narração descritiva das ações que

³ “terreno agrícola para produção familiar; terreno de cultivo” (MONTEIRO, 2010).

⁴ “Exprime dor ou exaspero”

a voz poética pretendia realizar nesse dia. Ainda na primeira estrofe, faz referência aos efeitos do colonialismo ao citar que a terra dos moçambicanos estava adubada com sangue (da morte de vários moçambicanos que perderam suas vidas pelos golpes de seus senhores ou pelo esgotamento físico empregado nos trabalhos exaustivos) e suor (o árduo suor do labor que aparece citado neste e em outros poemas da autora) de séculos, conforme cita, esperando por esse tão sonhado dia. Ao mencionar, no último verso dessa estrofe inicial os “séculos de espera”, o sujeito lírico faz referência à sua ancestralidade e, mais uma vez, percebe-se a natureza coletiva de suas poesias.

Os quatro versos seguintes estão repletos de apologias à liberdade, neles a voz poética se reporta à realidade diária dos moçambicanos como o trabalho nas plantações agrícolas, as algemas dolorosas, as acusações dos colonos altivos, as prisões... Noémia envolve todos estes detalhes num misto de utopias no qual, através de cada verso, idealiza essa realidade. Para isso, apropria-se de expressões muito simbólicas como “canção de triunfo, segundo nascimento e dia infundável”. A mãe dos poetas moçambicanos parece tecer uma profecia em torno da vida de seu povo e ela vislumbra esse tão sonhado dia em que “não mais” seu povo sofrerá em detrimento da aristocracia do colonialismo.

Em 22 de novembro de 1949, Noémia escreve mais um poema com essência de utopia, ao qual ela nomeia “Dia a dia”:

Dia a dia
Dia a dia,
O pulso à roda de tudo
Se aperta mais e mais

Dia a dia,
Grandes e grandes se forjam
Tapando o sol de toda a gente.

Dia a dia,
Do fundo da noite em que nos estorcemos
Mais e mais se sente

A certeza radiosa duma esperança (SOUSA, 2011, p. 78).

Este é um curto poema no qual a esperança é adjetivada como radiosa, que quer dizer que é uma esperança de um futuro cheio de alegrias. Esperança nesse contexto está atrelada à

utopia, uma vez que todo o povo moçambicano almejava uma mudança radical no sistema que tinha se configurado em Moçambique a partir da colonização portuguesa no século XVI.

O eu lírico neste poema versa pelo alcance, mais uma vez, de algo idealizado, como uma comunidade imaginada, na qual o povo poderia sorrir e ser feliz e livre, sustentando sua cultura, religião e costumes de modo geral. O poema não termina com ponto final, mas com reticências, o que nos leva a entender que Noémia ainda poderia continuar a escrita sobre o plano idealizado que alimentava em seus ideais revolucionários para seu povo.

Ainda com base nos estudos de Prevóst (2015, p. 447), consideramos que “[...] a Utopia esclarece o pensamento dos reformadores, galvaniza suas energias e descobre os horizontes luminosos para os quais toda a humanidade está caminhando”. Podemos considerar Noémia como uma reformadora da sociedade moçambicana a partir de seus poemas engajados no enfrentamento da colonização. Ela tinha suas energias galvanizadas, fortalecidas, blindadas contra o desgaste constante causado pelo enfrentamento à situação de submissão e servidão, isso fazia com que ela não parasse nem se esmorecesse frente aos desafios. E, por fim, a utopia que a envolvia e a fazia escrever, tão vislumbradamente, por um ideal tornava possível sonhar com os “horizontes luminosos” que estavam reservados às gerações futuras em Moçambique e, porque não afirmar, em África Austral.

2.3 Era Pré-independência: Marcas de Lutas e Resistência em Poemas de Noémia de Sousa

O povo moçambicano vivenciou todo o período colonial em ato de resistência contra o colonizador europeu. A escrita literária nesse período em Moçambique é marcada pelos relatos de dor, exploração e pela denúncia dos escritores em relação à atitude colonizadora dos europeus. Em vários poemas da obra aqui em estudo, Noémia de Sousa narra, poeticamente, os açoites, as mortes, os castigos a desvalorização e o racismo enfrentados pelos moçambicanos. Assim, nesta seção, refletimos sobre como o período colonial foi uma época de violências para os países africanos, abordando aqui, especificamente, Moçambique. Para além da violência física, fique registrada a violência moral e mental, destilada sobre a cultura de todo o continente africano. Qualquer país colonizado, ao “alcançar” a tão sonhada independência não se desvencilha tão facilmente das cicatrizes deixadas pela estadia da

colonização. É válido ressaltar aqui que a negação de direitos, respeito e, até mesmo, de humanidade é capaz de causar marcas perpétuas na história de um povo.

E, sobre esse viés se desenvolve a escrita literária de Noémia de Sousa em seus poemas encharcados de coletividade e, sobremaneira, engajados na denúncia da situação de seu povo, ressaltando as lutas enfrentadas e a resistência contínua que seu povo era obrigado a manter, diariamente, no cenário social de colonização europeia. De acordo com Ferreira e Moreira:

[...] o estudo da produção poética dos escritores africanos pode ser feito mediante uma abordagem diacrônica das literaturas a que pertencem, o qual observe: as dificuldades do sujeito poético de se encontrar com seu universo africano; o fato de que grande parte da produção literária reflete a busca da identidade cultural e a tomada progressiva de uma consciência nacional; o fato de que é sempre possível detectar, nos autores, o momento poético da luta, que se configura num discurso de resistência e de reivindicação por mudanças; as mudanças que encaminham para um processo de releitura constante que liga o presente e o passado na construção de uma África que se renova continuamente. (FERREIRA; MOREIRA, 2007, p. 3)

A abordagem diacrônica citada pelas autoras é aquela que permite um estudo sequenciado de um longo período de uma história. Assim sendo, o estudo desses escritos literários pode permitir a compreensão de todo o processo de submissão, luta e resistência sobre o qual os moçambicanos batalhavam. A produção literária do período colonial, que também pode ser compreendido como período pré-independência, retrata modos de resistência, lutas e utopias.

Noémia de Sousa evidencia marcas de luta e resistência de seu povo. Esses poemas também denotam o processo de ruptura do silêncio, apontando para a reivindicação e enfrentamento dos moçambicanos, quer escritores quer não, no processo libertário.

Iniciamos com o poema “Nossa voz”, datado de 06 de agosto de 1949 e dedicado ao amigo da escritora Noémia de Sousa, José Craveirinha, poeta de relevante importância na literatura moçambicana. Segundo Fonseca e Moreira:

A figura de maior destaque na poesia da moçambicanidade e referência obrigatória em toda a literatura africana é José Craveirinha. A poesia de Craveirinha engloba todas as fases ou etapas da poesia moçambicana, desde os anos 40 até praticamente os nossos dias. Em Craveirinha vamos encontrar uma poesia tipo realista, uma poesia da negritude, cultural, social, política, uma poesia de prisão, uma poesia

carregada de marcas da tradição oral, bem como muito poema com grande pendor lírico e intimista (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 31).

José João Craveirinha foi um escritor de uma poesia centrada na moçambicanidade e também engajada na revolução a partir da negritude. Sua poesia fortaleceu e se tornou referência na história dos movimentos revolucionários da moçambicanidade e da negritude. Craveirinha e Noémia compartilhavam os ideais revolucionários para Moçambique e empenharam-se profundamente, através de suas poéticas, na defesa de seu povo e enfrentamento do colonialismo.

Ao longo deste trabalho, temos evidenciado o papel decisivo que os poetas moçambicanos, sobretudo Noémia de Sousa, desempenharam na história da revolução literária e social em Moçambique. Em “Nossa voz”, Noémia coloca as suas vozes (sugestivamente, de forma mais específica, nesse contexto, as vozes dela e de Craveirinha) como protagonistas dentro do cenário social caótico para os africanos; uma sinalização do quão importante foi o não conformismo dos poetas moçambicanos.

Nossa voz

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara
sobre o branco egoísmo dos homens
sobre a indiferença assassina de todos.
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão
nossa voz ardente como o sol das malangas⁵
nossa voz atabaque chamando
nossa voz lança de Maguiguana⁶
nossa voz, irmão,
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade
e revolucionou-a
arrastou-a como um ciclone de conhecimento.

E acordou remorsos de olhos amarelos de hiena
e fez escorrer suores frios de condenados
e acendeu luzes de esperança em almas sombrias de desesperados...

Nossa voz, irmão!

⁵ Espécie de raiz semelhante a inhame.

⁶ “Maguiguana Khossa, chefe guerreiro que lutou contra a ocupação colonial”. (GIL, 2011)

nossa voz atabaque chamando.

Nossa voz lua cheia em noite escura de desesperança
nossa voz farol em mar de tempestade
nossa voz limando grades, grades seculares
nossa voz, irmão! nossa voz milhares,
nossa voz milhões de vozes clamando!

Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,
nossa voz gorda de miséria,
nossa voz arrastando grilhetas
nossa voz nostálgica de impis⁷
nossa voz África
nossa voz cansada da masturbação dos batuques da guerra
nossa voz gritando, gritando, gritando!
Nossa voz que descobriu até ao fundo,
lá onde coxam as rãs,
a amargura imensa, inexprimível, enorme como o mundo,
da simples palavra ESCRAVIDÃO:

Nossa voz gritando sem cessar,
nossa voz apontando caminhos
nossa voz xipalapala⁸
nossa voz atabaque chamando
nossa voz, irmão!
nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando. (SOUSA, 2011, p. 21)

Este poema suscita reflexões sobre a questão da tradição oral em Moçambique. 1949, ano de escrita do referido poema, era ainda um período de repressão das vozes africanas. Havia um temor muito grande, por parte dos colonos, que previa a possibilidade de as vozes oprimidas dos moçambicanos alcançarem espaço social. Os tradicionalistas, escritores de perfil europeu, primavam pela conservação do modelo literário colonial, enquanto Noémia, Craveirinha e tantos outros poetas cultuavam a moçambicanidade e, assim, se mantinham engajados em romper esse paradigma conservador excludente, haja vista que o modelo europeu colonial não representava ou se quer respeitava os moçambicanos. Havia então, nesse cenário, um impasse

⁷Substantivo Masculino/ Regionalismo: Moçambique. 1 - bando de guerreiros (DICIONÁRIO 10)

⁸“corneta feita de uma haste de impala (variedade de antílope) usada para convocações” (MEU DICIONÁRIO.ORG)

entre a tradição escrita europeia e a revolucionária tradição oral moçambicana. E esse conflito imprimiria mudanças na situação social, cultural e, até mesmo, linguística do país. Tudo isso Noémia escreve, liricamente, nos versos de “Nossa voz”.

Neste poema, encontramos referências à luta, à resistência e, de modo geral, à vida dos moçambicanos, ao tempo em que deixa evidente o papel desempenhado por Noémia e Craveirinha enquanto poetas engajados. Composições como “voz consciente e bárbara” no primeiro verso, faz alusão à luta dos moçambicanos em meio à opressão dos efeitos da colonização; e o “transpasse à atmosfera conformista”, no nono verso também remete à luta em modo de revolução, conforme complementado no verso consecutivo.

Muitas expressões nesses versos ratificam a luta dos poetas em prol de seu povo através dos anos de escravidão. Além disso, a leitura integral desse poema conta o caminho longo que foi essa trajetória. Gostaria de ressaltar, entretanto, dois versos que, sobremaneira, evidenciam esse contexto: O terceiro verso, na quarta estrofe, “nossa voz limando grades, grades seculares” e o verso final que usa o recurso de repetição para dar ênfase à longa duração desse processo de luta e resistência, “nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando”.

Outra característica que é marca da poesia de Noémia e aparece nesse poema é a coletividade. Noémia nunca escreveu inspirada em interesses próprios ou pessoais, pelo contrário, sempre militou com pensamentos coletivos que a incluíam numa luta por um futuro melhor para si e seu amado povo.

De 06 de setembro de 1950, do meio da opressão salazariana, o poema “Passe” transmite uma mensagem de grito e enfrentamento.

Passe

A ti, que nos exiges um passe para podermos passear
pelos caminhos hostis da nossa terra,
diremos quem somos, diremos quem somos:

- Eternos esquecidos na hora do banquete,
abandonaram-nos sempre na rua húmida, reluzente de noite,
e oferecem-nos apenas o espetáculo das janelas iluminadas,
dos risos estrídulos, e a amarga ironia das nossas canções negras
filtradas como aguardente de cana por lábios finos e cruéis...

Nós somos os filhos adoptivos e os ilegítimos,
que vosso corações tímidos, desejosos de comprar o céu – ou a vida,
vieram arrancar aos trilhos ladeados micais,
para depois nos lançarem, despidos das peles e das azagaias,
-ah, despojados dos diamantes do solo e do marfim,
despojados da nossa profunda consciência de homens –
nos tantos metros quadros dos bairros de zinco e caniço!
[...]
Nós somos aqueles que só na revolta encontraram refúgio.
Que se deixam possuir, ébrios, pelo feitiço dos tambores,
nos batuques nocturnos da vingança,
somos aqueles que modelam sua dor de braços torcidos
no pau preto do Norte,
a dor deformadora que mais tarde despertará o desprezo e a incompreensão
nas prateleiras dos museus da civilização...

Somos os despojados, somos os despojados!
Aqueles a quem tudo foi roubado,
Pátria e dignidade, Mãe e riquezas e crenças, e Liberdade!
Até a voz da nossa Raça, da revolta dos nossos corpos tatuados,
nos foi roubada para embriaguez de vossos sentidos anémicos,
arrastando-se nos bailes frios iluminados a electricidade...
Despojados, ficámos nus e trémulos,
nus na abjecta escravidão dos séculos...
Mas com o calor da chama eterna das nossas fogueiras acesas,
crepitando, rubras, sobre os dias e as noites,
com vaga-lumes de protesto, de gritos, de esperança!

- Agora, que sabes quem somos,
não nos exijas mais a ignomínia do “passe” das vossas leis! (SOUSA, 2011, p. 28 e
29)

Este poema é um “retrato” do período colonial que evidencia a dura realidade existente lá e as consequências desse modelo social imposto. Existe uma denúncia e um protesto muito forte nesses versos. Noémia faz alusão à figura do europeu quando o caracteriza com a expressão “lábios finos e cruéis” no último verso da segunda estrofe. É traço característico do estereótipo dos europeus os lábios finos. A autora parece querer deixar nítido quem era a figura opressora nessa conjuntura.

Ainda no referido poema, Noémia coloca o eu lírico retratando um tempo verbal no presente do indicativo quando a poeta escreve “somos”, esse eu lírico relata os fatos ocorridos no passado que levou o povo a ser esse resultado final. É um relato poético que aponta para a resistência que esse país precisou ter para se manter na luta pela independência.

O termo “despojados”, empregado na penúltima estrofe, sugere a ideia de miseráveis, necessitados. Noémia escreve que seu povo teve tudo roubado e essa é uma noção que ultrapassa o viés material. Na configuração estética da escrita da autora, observa-se que ela faz uso da letra maiúscula para conferir significado de importância nas palavras Pátria, Mãe, Liberdade e Raça, todas de gênero feminino. Com isso, Noémia quer enfatizar valores, crenças, costumes, cultura e, sobretudo, a impossibilidade que seu povo tinha de viver desfrutando do seu eu identitário moçambicano. Por fim, ainda nessa estrofe a expressão “corpos tatuados” remete às cicatrizes nos corpos moçambicanos por conta da violência dos açoites e maus tratos que sofriam cotidianamente a serviço dos colonos.

Outro poema que também remete à luta e resistência é “Cais”, um lindo poema escrito em 21 de março de 1949 que relata a rotina nesse lugar, onde o eu lírico sustenta a noção de resistência mesmo em meio aos sofrimentos.

Cais

O cais é um gigante
sugando esforços, violentamente...
O cais negro e chispante
é a nossa vida e o nosso inferno.
[...]
Nos nossos olhos cansados,
há desespero e revoltas.
E com um último resto esfarrapado de esperança,
interrogamos ansiosamente o mar.
Mas, o mar – ai! o mar – continua fechado
à inquieta interrogação do nosso olhar...
[...]
Mar:
Se tu nos abandonaste nesta hora,
quem nos dará, agora,
coragem, mar?
Quem nos emprestará força e esperança

para continuar?

Ah! Só tu, canção sem fim
dos desesperados,
só tu, voz da nossa alma!
[...]
E canta!
Cada vez mais forte,
canta a canção escrava do nosso destino!
Abafando todos os ruídos,
alheio a todas as fraquezas,
canta, coração!

Canta, canção dorida!
Canta! (SOUSA, 2011, p. 67)

Os versos do poema “Cais” estão permeados da recorrência poética da rotina do povo moçambicano. Nele, o sujeito lírico expressa a luta de seu povo no período aqui em estudo, desta vez, dando destaque a um elemento inspirador para vários poetas de Moçambique: o mar. Segundo Secco:

[...] nas águas índicas da poesia moçambicana, desenham-se dois eixos: um, em que o Índico é cartografado por um viés existencial, intimista, lírico, direcionado aos sonhos e afetos; outro, que apresenta uma dicção corrosiva e irônica em relação à história oficial (SECCO, 2018, p. 5).

Essa composição geográfica, portanto, inspirou muitos poetas que se basearam no mar para compor sobre as lutas e resistências de seu povo nessa trajetória de ascensão da voz moçambicana. Conforme Secco evidencia, a inspiração no mar era utilizada com várias intenções literárias, pois era é um elemento de alta significação para os povos daquela região. Foi, através do mar, que Moçambique teve contato com outras culturas, com o comércio. Em alguns momentos, o mar significou a fuga, a perda ou espera de amores e famílias e, muitas vezes, um alento em meio a dor na totalidade da palavra.

Para melhor compreensão dessa relação marítima com a composição poética aqui em estudo, é válido ressaltar que a África Austral compreende países banhados pelo Oceano Índico. Historicamente essa África também é denominada Lusófona, pois se refere aos cinco países africanos (Angola, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Cabo Verde)

que têm como língua oficial, a portuguesa e, por efeitos de colonização, foram considerados como domínio português, tornando-se independentes somente a partir da década de 70.

Em 20 de outubro de 1949, Noémia escreveu um poema que denota o romper do silêncio dos moçambicanos escravizados e silenciados. São marcas de um período pré-independência, no qual já era praticamente impossível calar o povo. A opressão já não significava só dor, mas também o romper de uma nova era. O eu lírico empregado neste poema tem voz ativa e determinante se posicionando firmemente frente a seu opressor.

Poema

Bates-me e ameaças-me,
Agora que levantei minha cabeça esclarecida
E gritei: “Basta!”

Armas-me grades e queres crucificar-me
Agora que rasguei a venda cor de rosa
E gritei: “Basta!”

Condenas-me à escuridão eterna
Agora que minha alma de África se iluminou
E descobriu o ludíbrico...
E gritei, mil vezes gritei: “Basta!”

Ò carrasco de olhos tortos,
de dentes afiados de antropófago
e brutas mãos de orango:
Vem com o teu cassetete e tuas ameaças,
fecha-me em tuas grades e crucifixa-me,
traz teus instrumentos de tortura
e amputa-me os membros, um a um...
Esvazia-me os olhos e condena-me à escuridão eterna...
- que eu, mais do que nunca,
dos limos da alma,
me erguerei lúcida, bramindo contra tudo:
Basta! Basta! Basta! (SOUSA, 2011, p. 105)

Noémia de Sousa, a poeta que ergueu uma bandeira numa conjuntura social totalmente excludente e machista. No poema acima, depois de discorrer sobre as opressões vividas por seu povo, a voz lírica transcreve no verso penúltimo a expressão “me erguerei lúcida”, essa expressão pode ser interpretada como o grito de basta de uma nação ou ainda como o posicionamento de uma autora, mulher, rompendo paradigmas culturais e históricos. Fonseca explica:

No caso específico das literaturas africanas de língua portuguesa, o período caracterizado pelas lutas contra o colonialismo português mostra que as vozes femininas são raras e, quando se anunciam, incorporam-se à conclamação da tarefa de construção de um novo tempo em que a liberdade poderá ser vivida. Rastreado os poemas que compõem algumas coletâneas que nos dão a conhecer a produção literária da fase pré-independência de algumas das ex-colônias portuguesas na África, é possível perceber os modos como a mulher se anuncia como escritora, ao se inscrever nos textos que produz (FONSECA, 2015, p. 104 -105).

Nesse sentido, compreendemos que, apesar de toda sorte de dificuldades, Noémia, uma das raras mulheres presentes na literatura de combate, estava destemida a posicionar-se colocando sua poesia cada vez mais engajada a disposição da revolução. Conhecer a história de Noémia é saber que, paulatinamente, seus poemas foram se espalhando pela sociedade moçambicana, nas juventudes, nas revistas e jornais pioneiros, na mente e na alma das pessoas como instrumento de alcance da dignidade. Não seria o fato de ser mulher que deteria Noémia, mesmo numa sociedade segregadora, excludente e machista.

Por fim, dentre tantos outros poemas que poderiam aqui ser analisados a luz dessa temática de luta e resistência contra o colonialismo, trazemos a análise o poema “Bayete”, escrito em 06 de setembro de 1950.

Bayete⁹

Ergueste uma capela e ensinaste-me a temer a Deus e a ti.
Vendeste-me o algodão da minha machamba
pelo dobro do preço por que mo compraste,
estabeleceste-me tuas leis
e minha linha de conduta foi por ti traçada.
Construíste calabouços

⁹“(saudação a um superior) viva!, salve!, obrigado!”

para lá me encerraes quando não te pagar os impostos,
deixaste morrer de fome meus filhos e meus irmãos,
e fizeste-me trabalhar dia após dia, nas tuas concessões.
Nunca me construístes uma escola, um hospital,
nunca me deste milho ou mandioca para os anos de fome.
E prostituístes minhas irmãs,
e as deportaste para S. Tomé...
– Depois de tudo isto,
não achas demasiado exigir-me que baixe a lança e o escudo
e, de rojo, grite à capulana¹⁰ vermelha e verde
que me colcaste à frente dos olhos: BAYETE? (SOUSA, 2011, p. 111)

Nesse poema, encontramos, mais uma vez, a denúncia das relações de abuso e poder existentes no período colonial, mas, desta vez, há nos versos uma espécie de ironia. Seus versos tratam da supressão de cultura dos moçambicanos, em detrimento da cultura dos colonos. Abordam também a exploração e os maus tratos sem limites pelos quais o povo passou na composição de sua história, entretanto é colocado o termo moçambicano para saudações, como se reconhecesse favorável os maus tratos sofridos. Façanhas violentas da colonização aparecem no poema que se referem à perversa situação, na qual o povo é obrigado a se distanciar de toda sua construção social para acatar aquilo que lhe é imposto. Para tanto, nos versos desfila uma enumeração na qual exprime fatos dolorosos ocorridos com a sua nação.

Os poemas selecionados e interpretados aqui, a partir do contexto histórico e social colonial e pré-independência, são possibilidades de compreensão do compromisso poético de Noémia com seu povo, da conjuntura política, histórica e social de Moçambique, da luta, resistência e utopias de uma nação em busca da liberdade por meio da palavra poética.

É importante ainda ressaltar a importância cultural da literatura engajada de Noémia de Sousa. As literaturas africanas, de modo geral, foram o principal subterfúgio de mudança e revolução social no período colonial não só para Moçambique, como também para os demais países africanos que passaram por esse processo de colonização portuguesa.

“Navegar” pelos poemas de *Sangue Negro* permitiu verificar as características da escrita poética de Noémia, ratificando que em sua poesia há um eloquente e destemido desejo

¹⁰É um pano estampado moçambicano que, tradicionalmente, é usado pelas mulheres para delinear o corpo. É usado essencialmente como saia, mas pode também cobrir o tronco e a cabeça.

de liberdade. A poética de Noémia reflete constantemente uma miragem do dia a dia dos moçambicanos, suas lutas, dores, utopia e resistência naquele cenário social.

As vozes poéticas de *Sangue Negro* recorrem, constantemente, à denúncia, ao enfrentamento e a um desejo de liberdade plural, apoiadas em um discurso literário cheio de tradição oral. Alguns recursos empregados como pontuação, uso de letras maiúsculas ou minúsculas, emprego de expressões características moçambicanas se aglomeram nos versos para dar maior sentido à toda obra, de modo que os (as) leitores (as) possam compreender a trajetória de sofrimentos que aquele povo percorreu.

A vida de Noémia Abranches de Sousa se mistura com cada poema. A escrita da mãe dos poetas moçambicanos era a sua vida e vice-versa.

Noémia de Sousa tinha em seu coração um tesouro valioso composto de discernimento, coragem, determinação, respeito, esperança e muita humanidade. A partir disso, ela dissolvia sua escrita ao longo da história, a fim de gerar um resultado amistoso na sociedade de sua Moçambique, amada pátria. A “fala revolucionária” do coração de Noémia para o mundo foi como uma fagulha num imenso caniço.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos a poética moçambicana com uma abordagem voltada para a obra *Sangue Negro*, de Noémia de Sousa, publicado pela primeira vez em 2001, entretanto nesta pesquisa, trabalhamos com a edição 2011 da mesma obra que manteve fidelidade a versão inicial. Evidenciamos aqui como os poemas desta poeta tiveram papel marcante na história de Moçambique por seu teor de denúncia e busca pela sonhada liberdade moçambicana. Nas perspectivas abordadas, evidenciamos que a poesia de Noémia é uma obra rica que envolve várias temáticas como ascensão da mulher como escritora, valorização da pátria como formadora de cultura e identidade, opressão e efeitos da era vivida pelos moçambicanos na colonização, conceitos de coletividade, utopias, resistências, identidade e nacionalismo.

Ao iniciar o trabalho, pensávamos em refletir sobre como a obra *Sangue Negro* trazia as marcas de luta e das utopias do povo moçambicano no período colonial e conseguimos evidenciar que, através de uma poesia cuidadosa, porém forte, Noémia denunciou esse sistema de violação de direitos e, sobretudo, de identidade. O termo “discreta”, aqui empregado, faz referência à estrutura poética contida nos versos de Noémia nesse período de repressão do pensamento e anulação da autonomia. Vimos, ao longo do estudo, que as marcas de utopia contribuíram com o “grito” de um povo que caminhava, passo a passo, chorosos passos, para a conquista da liberdade: liberdade de corpos, de expressão, de opinião, de pensamento e, a partir de sua luta e resistência, tão sabiamente versados por Noémia, esperaram o raiar desse novo tempo social e literário.

A importância deste estudo está concentrada na expansão, sobretudo no meio acadêmico, do conhecimento acerca da literatura moçambicana e a sua importância social na história de Moçambique. Assim, este estudo pode contribuir para a divulgação da palavra poética desse país no Brasil. Além disso, pessoalmente, este trabalho fortaleceu meu interesse por prosseguir com os estudos e, até mesmo, poder colaborar com a sua difusão em espaços educacionais e fora dele.

Com este trabalho, foi possível verificar e confirmar que a literatura engajada de Noémia de Sousa favoreceu a luta de Moçambique pela liberdade. Essa poética de enfrentamento ao período colonial rompeu com paradigmas e revolucionou a sociedade moçambicana através de diversos poemas com viés de denúncia e enfrentamento ao modelo social imposto pelo colonialismo. A poesia de Noémia e de outros poetas, desse período histórico, foi decisiva para a revolução do pensamento e construção de uma sociedade

moçambicana, na qual os africanos originários pudessem exercer a sua cidadania e viver sua identidade cultural.

Ficam alcançados os objetivos propostos, haja vista que pretendíamos realizar uma análise parcial da obra poética da escritora moçambicana Noémia de Sousa, especificamente, no que diz respeito à literatura produzida em Moçambique no período colonial, abordando questões relacionadas à utopia, à luta e à resistência do povo moçambicano. Desta forma, o problema deste trabalho buscou verificar como em *Sangue Negro* aparecem marcas de lutas e utopias do período colonial em Moçambique, assim foi possível compreender que a literatura engajada de Noémia esteve à disposição no combate ao processo de escravidão e possibilitou a denúncia e enfrentamento, uma vez que, em seus versos, há recorrências de utopia e de registro das lutas e resistências que o povo viveu.

Fica ressaltada, com o resultado deste Trabalho de Conclusão de Curso, a importância da literatura moçambicana, sobretudo, se considerarmos a contribuição africana que complementa a nossa cultura ainda que sejamos países da América Latina, pois temos um processo de colonização bastante semelhante ao dos povos africanos, então tratar deles, de certo modo, é fazer referência a nós mesmos pela similaridade na composição de nossas histórias enquanto países colonizados e pela participação de africanos na construção do Brasil. Somos afrodiáspóricos!

Ainda, por meio deste trabalho, foi possível compreender um pouco mais a literatura moçambicana através da obra de Noémia, em seu livro *Sangue Negro* a fim de contribuir para que ela seja mais conhecida em espaços acadêmicos, educacionais e artístico-culturais e assim proporcionar acesso, reflexões, conhecimentos e informações históricas que compuseram essa literatura.

Este trabalho, em hipótese alguma, finda as possibilidades de estudo acerca da obra aqui pesquisada. É muito ampla a possibilidade de discussões e abordagens a partir da obra *Sangue Negro*. Nela, Noémia de Sousa retratou, através de seus versos poéticos, a sociedade moçambicana no exato período do colonialismo. Nesse contexto, considerando a conjuntura social e política então existente, é possível realizar inúmeros estudos, nos quais se abordem temáticas sociais, identitárias, culturais e, até mesmo, políticas.

REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres. **Uma voz fundadora na literatura moçambicana: a poética negra pós-colonial de Noémia de Sousa.** Revista todas as letras – LiteRAtura, 2011. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4008/0>
- DEUS, Marcio Aparecido da Silva de. **Noémia de Sousa: Um “blues” moçambicano para Billie Holiday.** Revista Crioula. USP, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312100153_Noemia_de_Sousa_Um_blues_mocambicano_para_Billie_Holiday
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio – século XXI.** 4ª edição. Brasília: Editora Nova Fronteira, janeiro de 2011, p. 699.
- FONSECA, M. N. S.; MOREIRA, T. T. **Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.** PUC Minas Gerais: 2007. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767>
- FONSECA, Maria de Nazareth. **Literaturas africanas de Língua Portuguesa: Mobilidades e trânsitos diaspóricos.** Belo Horizonte: Nandyala, 2015.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade;** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.
- MOURA, Adriano Carlos. **Poética, política e literatura menor na poesia de Noémia de Sousa.** Revista Travessias interativas – Literatura de autoria feminina. UFS, 2018.
- Noémia de Sousa in Artigos de apoio Infopédia [em linha].** Porto: Porto Editora, 2003- 2009. [consult. 2019-10-10 22:11:57]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$noemia-de-sousa](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$noemia-de-sousa).
- PREVÓST, André. **A utopia: o género literário.** Tradução de Ana Claudia Romano Ribeiro. Revista Morus – utopia e renascimento. 2015. Disponível em: <http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/247/223>
- SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. **As literaturas africanas de língua portuguesa: um percurso de cantos e desencantos.** Revista Vernaculum - Flor do Lácio. UFRJ, 2011.

Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/vernaculum/article/view/1229>

SECCO, Carmen Tindó. **O Índico – um oceano de multiculturalidades, imaginação literária e insularidades**. Remate de Males, Campinas-SP, v. 38, n. 1, pp. 147-160, jan./jun. 2018 – 151. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8650651/18119>

SOUSA, Carla Maria Ferreira. **Noémia de Sousa: Modulação de uma escrita em turbilhão**. Revista África e Africanidades. UFB, 2008.

SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. Moçambique. Morimbique, 2011.

Sites:

Moçambique para todos. **Macua blog**, 2011. Disponível em:

<https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2011/08/passaram-se-ontem-114-anos-da-morte-de-maguiguana-khossa.html> Acesso em 06.11.2019, às 18:24.

Machamba, por Amadeu Pires Monteiro. **Dicionário Informal**, 2010. Disponível em

<[https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/machamba/3687/Amadeu Pires Monteiro \(Portugal\)](https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/machamba/3687/Amadeu%20Pires%20Monteiro%20(Portugal))>. Acesso em /06.11.2019 às 17:44h.

Capulana. **DW: Made for minds**, 2012. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-002/capulana/t-17416332>> Acesso em 06.11.2019, às 18:54.

Xipalapala. **Meu dicionário**, 2019 <<https://www.meudicionario.org/xipalapala>> Acesso em 06.11.2019, às 19:00h.

Maconde. **Os dicionários**, 2019 <<http://www.osdicionarios.com/c/significado/maconde>> Acesso em 16.11.2019 às 9:44